

**A VIDA RURAL TRADICIONAL: COMENTARIO AO DEPOIMENTO
DE UM IMIGRANTE NORDESTINO**

Eunice Ribeiro Durham e Hinaldo Beiker

GALEGO DE SARVINA:

Nas batalhas (1) convocadas por fazendeiros, os homens se apresentam para ver qual o melhor enxadeiro, o melhor limpador de mato, que, daí por diante, passa a ficar conhecido em toda a redondeza.

Numa dessas ocasiões, Tantão, que tinha 19 anos, foi convidado, juntamente com o finado Josué Imbilina, para ir a Jericó e lá "tirar a goma" de Nelito e Adeilton, enxadeiros que diziam "deixar de botar mato no dia em que aparecesse um homem que metesse um corte de enxada na frente deles". O fazendeiro Mizael daria uma camisa ao melhor enxadeiro e naquele dia, em Jericó, "pouco faltou para virar tudo".

Eram 6 horas da manhã quando os homens deram início à batalha e, colocados lado a lado, Tantão e Nelito mais Josué e Adeilton pegaram na enxada sem uma vez sequer desentortar o espinhaço. Mas era só cobra-verde (2) que ia ficando e o comboje (3) já gritava bonito no mato. Às 10 horas, quando sopraram o buzo (4) pro almoço Tantão perguntou:

— "Seu Nelito: até que hora o senhor vai deixar o comboje gritar no meio da roça? Viemos de Carnaíba tirar a goma de vocês!..."

— "Vocês tiram a goma mas não levam...", respondeu Nelito, que não quis almoçar dizendo que não tinha trabalhado bem de manhã porque estava com a barriga cheia. Ao que Tantão retrucou:

— "De manhã o saco tá cheio não se enverga, de tarde o saco tá vazio não se põe de pé!"

— "Tô com o espinhaço afiado", respondeu Nelito, "e a enxada não guarda desfeita".

Às 13 horas falou o buzo pra comer rapadura e, ainda dessa vez, Nelito não quis comer. Em dada altura, seguido de Adeilton, ele abandonou o serviço dizendo:

— "Vocês vão voltar pra Carnaíba, mas vão levar uma lembrança minha..."

(1) **Batalhas:** O mesmo que muxirão ou mutirão.

(2) **Cobra-verde:** «carreira de mato que fica atrasada, sem limpar».

(3) **Comboje** [combonje (?)] : «Comboje é ave que canta quando o mato na roça está muito grande».

(4) **Buzo:** O mesmo que buzio.

— "Qual a lembrança?", perguntou Tantão.

— "De noite lhe digo..."

E de noite houve baile onde tocava o sanfoneiro Zala Pacote. Tantão havia recebido a camisa de saco que o fazendeiro ofertara como prêmio e tudo ia muito animado, quando começou o fuzuê. Adellton e Nelito, armados com foices, irromperam pela sala, investindo contra Tantão e Josué, que logo sacaram suas peixeiras. Mas o fazendeiro resolveu pôr um paradeliro na coisa e tanto Nelito como Adellton foram amarrados nas braúnas defronte da casa-grande, onde passaram toda a noite.

E foi nessa ocasião que Tantão, além da camisa, ganhou também o apelido pelo qual hoje se tornou conhecido: *Galego de Sarvina*. Sarvina, nome de sua mãe e Galego, por ter ficado com a cara e o espinhaço queimados de sol...

NOME: José Tantão Siqueira da Costa.

DATA DE NASCIMENTO: 1919.

LOCAL DE NASCIMENTO: Flôres, às margens do Pajeú, na zona do Sertão — Alto de Pernambuco.

ESCOLARIDADE: Nenhuma.

ESTADO CIVIL: Casado e pai de 9 filhos.

ATIVIDADE PROFISSIONAL: Lavrador & Outras.

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: Novembro de 1965.

*
* *
*

José Tantão é um imigrante nordestino. Seu depoimento — uma descrição das condições de vida no sertão de Pernambuco — se assemelha a muitos outros que colhemos em São Paulo, investigando os problemas da população de origem rural que busca uma nova vida na grande cidade. Difere um tanto dos demais apenas pela maior espontaneidade e riqueza de detalhes, que lhe dão o caráter de retrato vivo de uma situação — o universo rural tradicional.

Podêr-se-ia duvidar que a experiência revivida na memória de um homem possa ser tomada como representativa da vida sertaneja. Sabemos que a experiência passada de cada migrante é, em certo sentido, única, diferente de todas as outras. Além do mais, o distanciamento no espaço e no tempo introduz distorções que tendem a idealizar e simplificar o passado. Mas é igualmente importante considerar que esse mesmo distanciamento tende a colocar em relevo os aspectos mais gerais que, inseridos no comum e rotineiro da existência sertaneja, só podem ser percebidos pelo contraste que oferecem ante uma situação diferente. Por isso é que as reminiscências de um imigrante rural, projetadas contra o pano-de-fundo da nova experiência de vida na grande cidade, podem ser mais ricas e informativas que o depoimento de um trabalhador rural que nunca saiu de sua terra natal. É nesse sentido que nos pareceu indicada a apresentação deste depoimento para ilustrar, com o grifo de uma experiência, certos aspectos cruciais da vida no Sertão de Pernambuco. Esses aspectos, em sua essência, são comuns ao universo rural nordestino, podendo ser depreendidos e complementados, como fizemos, em fontes as mais diversas.

*
* *
*

I) A VIDA NO NORDESTE: O Sertão-Alto de Pernambuco

1. O Universo da Família:

José Tantão viveu durante 17 anos com os avós maternos. Seu pai era agricultor em Saco de Boi, próximo a Flôres, possuindo um sítio de 5 quadras (5),

(5) **Quadra:** Medida agrária equivalente ao alqueire mineiro (48.400 m²) ou, no dizer do informante, «a quadra é igual a 100 braças por 50».

que ele tocava sozinho. Sogro e genro, porém, "não se uniam, não combinavam". A moça havia fugido de casa e, durando pouco tempo a união, retornara ao sítio do pai trazendo o menino que, com 9 meses, passou a ser criado pela avó. Era ainda muito criança quando João Dantas Filho — "da família Dantas da cidade de Teixeira na Paraíba" —, passando pela cidade de Flores, se "engostou" de sua mãe, levando-a para o sítio de Jerimum, na Paraíba.

Seu avô, antes de se casar, fora tropeiro ("matuto") de fazendeiros da região, transportando mangalhos (carrregamento de frutas) para as cidades vizinhas. Recebia a metade do dinheiro arrecadado com a venda das frutas, menos a paga pelos animais, isto é, por uma dúzia de laranjas vendida a 12 cruzeiros, 9 cruzeiros seriam do dono das frutas e dos animais e o restante do vendedor. Certa ocasião, porém, o cap. Manoel Benício, a quem ele prestava pequenos serviços — transmitindo recados, vendendo mais barato tudo o que era de mangalho —, quis recompensá-lo vendendo-lhe 2 cavalos que ele pagaria como pudesse. De posse dos animais, o avô aceitou trocá-los pelo sítiozinho de um major que havia gostado dos cavalos. O sítio, que possuía 2 quadras, foi sendo cultivado e, aos poucos, aumentado com a compra de terrenos daqueles vizinhos que iam se mudando, vindo, finalmente, a alcançar a extensão de 25 quadras.

Em seu sítio ("fazenda só quando tem gado"), o avô plantava algodão, palma (6), mandioca, milho, feijão, jerimum, melancia, fumo, mamona e arroz. (Em geral uma fileira de milho é intercalada entre a plantação de palma e algodão, plantando-se no "salto" do milho gêneros como o feijão, jerimum e melancia). Desses produtos o avô vendia o algodão e a palma, sobretudo esta, porque não tinha gado. "Arroz não se vende. Planta-se somente para o gasto em alguma lagoinha". Os outros produtos eram vendidos conforme a necessidade de se comprar artigos tais como pano e sal. A venda era feita em Flores e Carnaíba, levando-se a mercadoria em carro de boi ou espinhaço de burro.

O algodão e a palma eram vendidos quer a fazendeiros próximos, quer nas cidades. Mas, em geral, o algodão "antes de lucrar, já estava vendido". Era vendido "na folha", a fim de se obter o dinheiro para poder comer. "Sempre aparecia alguém perguntando se queria vender o algodão "na folha". Depois de colocar o preço e pagar a importância, era só esperar pela colheita", com a qual o comprador obtinha, quase sempre, um bom lucro. Se naquela ocasião o plantador necessitasse de dinheiro para a feira (sabão, café, açúcar, pano, calçado e sal) (7) ele tinha que se sujeitar, mesmo sabendo só existir alguma possibilidade de lucro com relação ao algodão, palma e farinha. E isto por não ser conveniente vender gêneros como o arroz, feijão e milho, sendo melhor o agricultor empalolar o que fôsse possível, a fim de precaver-se contra épocas ruins. E "só depois de 1 ou 2 anos", com a chegada de um bom inverno, que os produtos mais velhos devem ser vendidos, empalolando-se outros.

A venda de produtos da lavoura pode-se acrescentar, ocasionalmente, alguma "criação de terreiro", como galinha, bode ou porco. Esta criação é tratada e vendida pela mulher, procurando obter com ela certa margem de dinheiro que permita adquirir roupas e calçados para os filhos. Já com mais frequência ocorre a venda dos ovos de galinha, só escassamente incluídos na dieta da família. Tal dieta, de modo geral, consiste em carne de bode salgada (2 vezes por semana), farinha de mandioca e milho, angu, pão de milho, feijão, fubá com açúcar, rapadura, café e, uma vez ou outra, arroz e ovos.

O avô de Tantão sempre tocou a sua roça auxiliado pela família. Teve 11 filhos, dos quais apenas o caçula era do sexo masculino. No "serviço da roça", as mulheres plantavam milho e feijão, ajudavam na "panha" do algodão e limpavam

(6) Palma: (Bras, Nordeste) O mesmo que palmatória (cacto), e que se utiliza como forragem para o gado.

(7) «Alimento pro candeiro é azeite de mamona». Também para se fazer pólvora, basta queimar a carrapateira (mamona): «Mistura o carvão com enxofre, pisa, faz o azougue e bota pra secar: já é pólvora».

o mato. Já o "serviço de homem", era "serviço de broca". Era "lutar com o machado, com a foice". Para realizar este serviço, no qual as mulheres não intervinham, convidavam-se para uma batalha os vizinhos mais próximos, que ajudavam a "brocar o mato, fazer o acêro e botar fogo". Iam de 4 a 10 homens aos quais o proprietário pagava em comida e também em serviço, pois, concluída a batalha, ia ele retribuir o dia de serviço a todos aqueles que participaram da empreitada. Nessas ocasiões, "é sempre de obrigação matar um bode ou porco, dando ao pessoal tudo o que se tem em casa para comer e beber."

Na região, toda a família era "mais conhecida do que farinha na feira", pois Triunfo, Flôres, Carnaíba, Jericó, Intã, Afogados da Ingazeira, Boa Vista, Macacos, Poço Grande, Coruja... "tudo é lugar de uma panelinha só", com todo mundo se conhecendo "caso de ser tão pertinho e se fazer aquelas feiras tudo dali."

Festejos existiam muitos, sobretudo em maio, durante as novenas de Maria, com a novena dos homens, das mulheres, viúvas e crianças: cada um com seu dia e festeiro próprios. Todos se cotizavam a fim de comprar fogos, além de pedir, de casa em casa, algum auxílio sob a forma de ovos, galinha ou banana. À noite, tais artigos eram vendidos em leilão pelos noiteiros (8) daquele dia, representados por seu festeiro, entregando-se ao padre da paróquia o dinheiro arrecadado no leilão. Dinheiro este que seria utilizado em "adjutórios" para a Igreja e em obras de assistência aos pobres e doentes.

Já nas festas juninas, o avô carregava de lenha 3 ou 4 carros de boi a fim de prepararem as fogueiras. Em lugar de bombas, bacamarte: "Todo o mundo de bacamarte na mão para festejar os santos." E durante 8 dias S. João e S. Pedro eram festejados pelo grupo de atiradores que cada cidade organizava. Atiradores de Carnaíba iam se encontrar com os de Afogados para, juntos, encontrarem-se com os de Flôres e Poço Grande, recebendo comida e bebida nas casas por onde passavam. À noite irrompiam todos pelas cidades, indo atirar em torno da Igreja. Divertiam-se, não disputavam: "atiravam pro chão, alegravam as festas."

As melhores festas, porém, eram as de fim-de-ano: a festa de Natal, que durava 5 dias, com reizado, pifeiros e zabumba. Na melhor festa da região, a de Triunfo — "cidade rica, onde se leva até café" — mesmo a mãe de Tantão costumava ir, levando os filhos de sua segunda união.

A região de Triunfo, no alto Pajeú, situada na Serra da Baixa Verde, constitui uma das maiores manchas de regiões frescas ou úmidas da caatinga sertaneja (9). Nestas áreas, doadas inicialmente em grandes sesmarias aos criadores de gado, as condições mais favoráveis de clima e solo cedo levaram ao desenvolvimento da agricultura, com a introdução da cana-de-açúcar (10) e o cultivo de gêneros de subsis-

(8) Noiteiro ou Noitário: «Nas trezenas e novenas, que sempre se contaram entre as festividades sertanejas, criou-se em muitos lugares o costume que dava a essas celebrações o patrocínio de pessoas gradas, as quais tomavam à sua conta as despesas de ornamentação do templo e de suas luzes, se não também outras, para maior esplendor do ato» (Américo Facó: Glossário in Manoel de Oliveira Paiva, Dona Guilhermina do Poço, Edição Saraiva, S. P., 1952, p. 242).

(9) «(No Sertão) estas «manchas úmidas» determinadas ora pelas condições climáticas, ora pela estrutura geológica, constituem verdadeiros oásis no meio do peneplano semi-árido. Dentre elas destacam-se por sua grande extensão o Cariri (7.649 km²) e a região de Triunfo (quase 500 km²)» (Manuel Correia de Andrade: A Terra e o Homem no Nordeste, Edit. Brasiliense, S. P., 1964, p. 22.)

(10) «Aqueles primeiros cultivos juntar-se-ia logo a cana-de-açúcar, surgindo ainda no séc. XVIII, os primeiros engenhos de mel e rapadura (...) Crato, no Cariri cearense, e Triunfo, na serra da Baixa Verde, foram e são, ao seu modo, centros açucareiros produtores de rapadura que ainda hoje são largamente consumidos no Sertão para adoçar certos alimentos ou diretamente misturados com farinha». (Manuel Correia de Andrade, op. cit., p. 186).

tência. O processo de sucessão hereditária e o adensamento demográfico, provocaram gradativamente a divisão de algumas das grandes propriedades, fato que propiciou a formação de uma camada de pequenos sítiantes, ao lado dos grandes fazendeiros e da população sempre crescente de trabalhadores sem terra. Dêsse modo, a criação de gado e a agricultura comercial, própria dos estabelecimentos médios e grandes, associou-se a uma agricultura de subsistência, característica quer dos pequenos sítiantes, quer dos foreiros, parceiros ou moradores que, não tendo terra própria, têm que obtê-la dos grandes proprietários.

Tanto uma quanto outra forma de atividade agrícola caracterizam-se pelo emprego de técnicas muito rudimentares e pela baixa produtividade. Os pequenos e antiquados engenhos da região produzem apenas rapadura, destinada ao mercado regional, que absorve também, através das feiras, o pequeno excedente da agricultura de subsistência.

São pequenos sítiantes como o avô de Tantão, tão comuns nas regiões menos desenvolvidas do Brasil — ainda presas a uma técnica primitiva e a relações de trabalho tradicionais — que constituem os representantes mais típicos do campesinato brasileiro. Caracterizam-se como “produtores autônomos” que cultivam a terra utilizando a mão-de-obra familiar e eventual auxílio vicinal, produzindo diretamente a própria subsistência e participando de modo marginal no mercado pela venda de um excedente muito reduzido. Fazem parte, por conseguinte, de um sistema econômico que se convencionou chamar de “economia de subsistência tradicional” (folk culture).

O universo social dessa população gira em torno de dois grupos fundamentais: a família e a vizinhança. É um universo relativamente fechado, composto de pessoas que se conhecem, e onde as relações sociais se manifestam como uma teia de obrigações pessoais recíprocas.

Nesse mundo personalista, a família é uma unidade social fundamental, constituindo o grupo por excelência de cooperação econômica e convivência, recaindo sobre o pai, o chefe da casa, a posição central de autoridade doméstica. O trabalho é, quase sempre, trabalho familiar, marcado por uma divisão relativamente rígida de tarefas masculinas e femininas. O homem é o principal responsável pelas tarefas agrícolas, de tal modo que as viúvas com filhos pequenos não podem constituir unidades autônomas. É o caso da mãe de Tantão que, separando-se do marido, é forçada a voltar ao sítio do pai.

Entretanto, apesar da família constituir uma unidade autônoma de produção, é extremamente difícil ao lavrador dar conta do ano agrícola apenas com a mão-de-obra familiar, a não ser que conte com grande número de filhos quase adultos. Nesse tipo de economia, onde o dinheiro é tão raro, o problema da mão-de-obra para tarefas especiais (derrubada, colheita, construção da casa, etc.) é resolvido através da cooperação vicinal, o mutirão ou batalha, com a respectiva troca-de-dias.

O mutirão é uma instituição fundamental nesse universo tradicional. Mas ele não pode ser considerado como um trabalho coletivo, que implique em divisão e interdependência de tarefas, mas isto sim, como uma justaposição de atividades equivalentes. O que une os participantes não é uma tarefa comum, mas antes obrigações pessoais que cada um sente em relação ao dono da propriedade. Menos que uma atividade econômica coletiva, o mutirão é antes uma manifestação econômica de retribuição conjunta de obrigações pessoais e individuais. O participante não se obriga com a comunidade, mas com cada um dos participantes individualmente. Nêle o favor recebido é retribuído imediatamente com comida e festa e, a longo prazo, pela prestação de favores idênticos, quando solicitado, a cada um dos participantes do mutirão. Promove êle, portanto, um conjunto de obrigações recíprocas que unem as famílias umas às outras, criando uma rede de relações sociais e estabelecendo os fundamentos da solidariedade vicinal. Essa solidariedade se expressa também nas festas, que oferecem oportunidade para visitas e, inclusive, para o estabelecimento de novas relações.

Como já dissemos, êste é um universo restrito, de pessoas que se conhecem, cujas relações são solidificadas pela memória dos favores prestados e recebidos nos

mutirões, nas crises, nas festas. Mas não é um universo inteiramente fechado e auto-suficiente. O que caracteriza esta população como população campestre é a própria impossibilidade de bastar-se. Há sempre um mínimo de coisas que não podem ser produzidas pela economia doméstica, coisas essas que precisam ser adquiridas no comércio, na feira: sabão, café, açúcar (rapadura), pano, calçado e sal, — como no caso do avô de Tantão. São essas necessidades que estabelecem o elo entre a economia de subsistência e o mercado local regional e mesmo nacional. Essa ligação implica em presença e manipulação de dinheiro e, por isso, parte da produção doméstica se destina sempre à venda no mercado, na feira. A integração das unidades da economia de subsistência no sistema econômico mais amplo se dá quer pela venda de um excesso da produção de mantimentos, quer pelo cultivo, criação ou extração de qualquer outro produto que se destine primordialmente ao mercado, isto é, aquilo que os ingleses denominam cash crop. No sítio de Flôres, ao lado dos mantimentos (mandioca, milho, feijão, jerimum, melancia, etc.), parte dos quais se vendia, plantava-se também algodão e colhia-se a palma, que são produtos destinados exclusivamente ao mercado. A palma demonstra a associação tradicional, no sertão nordestino, da pequena propriedade agrícola com a grande fazenda de gado, desde que uma fornece forragem para a outra. E o algodão é o cultivo comercial por excelência, tanto da pequena quanto da grande propriedade sertaneja, desde o século XVIII.

Note-se, entretanto, que as técnicas primitivas vigentes limitam grandemente a produção, de tal modo que a venda do suficiente para obter o dinheiro necessário pode levar à carência dos alimentos essenciais à subsistência. Estabelece-se, assim, um desequilíbrio quase constante entre a capacidade de produzir excedentes e as necessidades a serem satisfeitas através do mercado.

A insuficiência da produção só poderia ser superada através de um aumento de produtividade ou através do aumento da propriedade. Ambas as soluções estão geralmente fora do alcance do sítiante, que mal produz para viver e cujo universo fechado não permite o acesso a técnicas mais produtivas.

Mas esse desequilíbrio não é fruto apenas de uma técnica agrícola pobre. É sobretudo um resultado de técnicas deficientes de comercialização do produto. Sem acesso às instituições de crédito que permitiriam uma organização agrícola verdadeiramente comercial, o pequeno produtor fica na dependência do financiamento da produção pelos grandes fazendeiros ou comerciantes, representado na sua modalidade expropriativa pela hipoteca da colheita. Nessa sistema, "o algodão, antes de lucrar, já está vendido".

Desse modo, preso a práticas agrícolas primitivas, vinculado a propriedades insuficientes, sem acesso a técnicas mais modernas nem a estabelecimentos de crédito, o sítiante se vê forçado a trabalhar como assalariado parte do ano, transformando-se em mão-de-obra de reserva das grandes fazendas. Assim era no sítio do avô de Tantão.

2. O Universo Externo de Trabalho:

As coisas nem sempre iam bem no sítio de Flôres. A vida era difícil, a produção era pouca e não dava para todos viverem juntos. Era sempre necessário suplementar os ganhos da roça por meio de serviços realizados em sítios e fazendas da vizinhança. (11)

Já com 12 anos Tantão começou a trabalhar para os vizinhos, fazendo serviço de roça. Já era tempo — dissera o avô — de cuidar de si próprio, trabalhando

(11) «Dentro dessa camada social identificada como de proprietários pobres há que ressaltar a figura do semiprotetário (...) obrigado a alugar sua força de trabalho em outras propriedades, para obter a parcela de utilidades que a renda da sua lavoura não pode proporcionar. Nas diversas faixas (do Agreste), no Nordeste, essa figura do semiprotetário existe fortemente disseminado.» (Moacir Paixão, «Elementos da Questão Agrária» in *Revista Brasileira*, n.º 24, 1959, p. 36).

para se vestir e calçar. Todo dinheiro que recebia era entregue ao avô, que lhe dava alguns tostões por ocasião das festas. Logo, porém, sem que o avô soubesse, Tantão começou a deixar com Pedro Pires, chefe político de Itabira — “homem de confiança” — parte do dinheiro que ganhava... “Como fazia todo moleque do Norte, pois os pais são muito seguros”, costumava separar do aló um pouco de algodão que ele ajudara o avô a colher, conseguindo assim algum dinheirinho. “Quando o carro de boi vem buscar o algodão, já leva o saquinho separado”. Seu primeiro sapato Tantão usou quando tinha 14 anos e, aos 15, passou a guardar ele próprio o dinheiro que ganhava, pois “já queria comprar suas coisinhas”.

Mas as maiores oportunidades de emprego, para as famílias da região, estão nos engenhos de rapadura. Lembra Tantão que só em redor de Triunfo existem cerca de 145 engenhos: uns 15 puxados a motor, 2 a água e o restante movido por bois e burros. E são apenas os que estão na chapada da Serra pois, “naquela região pra todos os lados que se vira tem engenho”. São engenhos que só vivem de rapadura, além daqueles de “pau com torcedor” que ainda existem e que “fazem garapa pra rua” (12).

São esses engenhos que, por volta de 15 de setembro, dão início à moagem de cana, que se prolonga até início de novembro, absorvendo, durante uns 2 meses, uma boa parcela da mão-de-obra masculina da região. “É a época em que se aproveita mais, permitindo aliviar as despesas por algum tempo.”

O serviço de engenho é “serviço de homem” e envolve o concurso de 19 pessoas, todas trabalhando “às custas da casa”, com almoço às 8 horas, janta às 13,30 e ceia às 18 horas, dentro do seguinte horário de trabalho: da meia-noite às 14 horas trabalham o *corteiro* (4), o *traçador* (4), o *cambiteiro* (3), *tangerim* (2), *peseiro* (1) e *bagaceiro* (1); da 1 às 17 horas, o *garapeiro* (1), o *mestre* (1) e o *encaixotador* (1); o *foguista* (1) trabalha da meia-noite às 17 horas. Todos os proprietários de engenho pagam a mesma coisa para “não fazer inquisição uns com os outros”, sendo idêntico também o horário de trabalho.

No campo trabalham o *corteiro*, encarregado do corte da cana; o *traçador*, cuja função é “desolá a cana”, isto é, tirar o ôlho da cana a fim de que, passando na moenda, ela dê uma boa rapadura. Por sua vez, o ôlho serve para a replanta e a palha para o gado; o *cambiteiro* encangalha os animais, colocando os cambitos para transportar a cana.

No engenho trabalham o *tangerim*, tangendo os animais na manjarra do engenho; o *peseiro*, encarregado de colocar a cana na moenda; o *bagaceiro*, que retira o bagaço de cana do pé do engenho e o coloca para secar, a fim de ser utilizado para alimentar o fogo onde estão os diversos tachos; o *foguista*, que cuida da manutenção desse fogo; o *garapeiro*, que limpa a garapa, removendo a sujeira na espuma que vai se formando à medida que ferve a garapa; o *mestre*, que “dá o ponto” da rapadura e, finalmente, o *encaixotador*, que coloca o melado em caixas, aplanhando com uma palheta o tijolo de rapadura.

Também “às custas da casa”, ainda trabalham no engenho cerca de 5 a 10 homens encarregados de limpar, queimar o mato e fazer toda a “retoca” (ressoca).

O *mestre*, cujo salário é, em geral o dobro daquele dos demais trabalhadores, é o responsável por toda a moagem e deve saber quando a cana está boa ou qual o defeito que ela apresenta (“se a rapadura não prestar o dono da moagem agarra no mocotó dele”). Caso a moagem seja pequena, o mestre, sendo “dos bons”, realiza um trabalho itinerante pela região, deixando uma moagem e logo pegando outra, o mesmo acontecendo com um bom *encaixotador*, homem com boa

(12) «Os engenhos rapadureiros são movidos a tração animal, a vapor, a motor diesel, prevendo-se nos pontos em que se faz a eletrificação rural utilizar até a energia elétrica. Os engenhos de pau movidos a boi escasseiam, confinando-se aos pés de serra mais pobres ou aos rincões mais distantes, nas «manchas úmidas» dos sertões piaulenses. Estes pequenos engenhos são muito numerosos, subindo seu número, em 1956, em Triunfo, a 113, com capacidade de produção para cada um de 300 a 400 cargas de rapadura por ano» (Manuel Correia de Andrade, op. cit., p. 222).

munheca ("homem de meia perna não serve"). Uma moagem pequena corresponde a um trabalho de 15 dias a 1 mês e uma grande moagem a cerca de 3 meses de trabalho.

O serviço começa logo depois da meia-noite, indo até às 14 horas — tempo suficiente para se tirar uma média de 9 a 10 cargas, equivalentes a 100 rapaduras. Fervendo, em contínuo funcionamento, trabalham 9 tachas, sendo uma delas a "tempa", a rapadura pura que, depois de temperada, vai para o *encaixotador*. Após às 14 horas continuam em atividade apenas o *foguista*, o *garapeiro*, o *mestre* e o *encaixotador*. Aos sábados o trabalho para às 13 horas, recomençando à meia-noite de domingo.

Além da rapadura ainda são feitos alfenim (massa de açúcar endurecida), batida (mel de rapadura batido com cravo e canela), "enxu" (laranjas cobertas com mel de rapadura que se deixa cristalizar). Isto, já é "serviço de mulher": mulheres que fazem pequenos serviços no engenho a troco desses produtos que elas próprias preparam e podem levar para casa. Assim, é freqüente que um homem, trabalhando a sôlido no engenho, tenha alguma mulher dedicada a essas atividades. Em caso contrário, terminado o trabalho, ou ele próprio vai cuidar disso ou, o que é mais usual, recebe algum quinhão de qualquer mulher envolvida nesse serviço. De resto, tais atividades têm pouca importância ao dono do engenho que "só faz questão, mesmo, é da rapadura: o trabalhador não tem direito a nenhuma". No mais, o trabalhador pode levar o que quiser e, desse ponto de vista, a moagem é preferida à farinhada porque, todo sábado, o empregado ganha uma cabaca de mel, além de haver garapa e "raspadura" à vontade. "No fim do dia a gamela e o côcho estão cheios de "raspadura" e o pessoal aproveita."

O trabalho da moagem, além de "aliviar as despesas", não atrapalha o serviço da lavoura, porque nada se planta de setembro a novembro. Apenas coincide com a "panha" do algodão — serviço em geral feito pelas mulheres — e com a quebra do milho, que pode ser feita nas horas de folga e também antes ou depois da moagem, pois está sempre na dependência da primeira chuva que caia para "curar" o milho (13).

Outra atividade que comumente tem início na época da seca — "no meio da moagem" — e que também congrega os homens da vizinhança é a farinhada, levada a efeito na casa-de-farinha ou bolandeira dos "sítios mais afastados".

A bolandeira é cedida pelo proprietário a qualquer pessoa que queira farinhar e por ele próprio é utilizada para uma boa farinhada. No primeiro caso, "para farinha de casa", trabalham cerca de 4 pessoas (em geral membros de uma mesma família), pagando ao dono da bolandeira o correspondente a 30 cuías de farinha para cada 1.000 cuías, mais a metade da goma ("uma cuía de farinha mede 10 litros"). Um ajudante, nesse caso, recebe 10 cuías do total de 1.000 e ainda 10 quilos de goma, usada para se fazer taploca e bolinho. Já uma "farinhada boa" pode durar até 2 meses e nela trabalham cerca de 18 pessoas,

(13) «Na época da safra os trabalhadores que passaram o ano na enxada cuidando do plantio, passam a ter as mais diversas ocupações: aparece, então, o «cambiteiro» a dirigir cavalos e burros que transportam a cana dos partidos para o engenho; o «cortador» de cana que ganha salário por produção e com seu facão «rabo-de-galo» despe os solos tirando rapidamente a cobertura verde dos canaviais; o «botador» de cana na moenda que a qualquer descuido pode perder o braço tragado pela mesma; os «tombadores» que pegam feixes de cana no «picadeiro» e colocam sobre a mesa próxima à moenda, ao alcance do botador; o maquinista que cuida do motor e verifica de quando em vez a pressão das caldeiras; o mestre-de-açúcar que dá «ponto ao caldo» durante o cozinhamento, indicando o momento em que o mesmo deve passar de uma tacha para outra e da última para as fôrmas das rapaduras; os caldeireiros que são os resíduos da cana da moenda para a bagaceira onde ficarão expostos ao sol a secar (...) Estes trabalhadores prestando serviços por todo o dia, às vezes em jornadas que se estendem por mais de dez horas de trabalho, percebem diárias de acordo com a especialidade e a produção de cada um que em média não ultrapassam os Cr\$ 150,00. Salários que não lhes podem dar condições de existência, mesmo modestas.» (Manuel Correia de Andrade, op. cit., p. 223).

das 3 da manhã às 17 horas. São elas: *arrancadores* (3), *cambiteiros* (2), *raspadores* (4 mulheres), *cavador* (1 mulher), *puxadores-de-roda* (2) e *prensadores* (2) — os dois serviços mais pesados e melhor remunerados — *aguador* ou “*botador de água*” (1), *tirador-de-goma* ou *gomeiro* (1 mulher), *mezador-de-farinha* (1) e *ajudante de mezador-de-farinha* ao mesmo tempo que *foguista* (1) — “tendo essas pessoas, aí já pode tocar a casa de farinha.” Todas trabalham “às custas da casa”, com almoço, janta e ceia.

As mandiocas de farinha são: João Grande, Olho Verde, Pendão Virado, Isabel de Souza, Mandioca Prêta. As mandiocas de consumo geral são: Macaxeira Rosa, Branca e Prêta — “a Prêta só se come fria, senão embebeda... No Sul toda mandioca se come, no Norte não. A gente conhece pelo cheiro: basta quebrar um talo pra saber.”

Quando havia um estio mais prolongado, escasseava mais o ganho e a família chegava a abandonar o sítio, transferindo-se para Mata Grande, “nas Alagoas”, à espera de um inverno para voltar ao Pajeú. Trabalhavam então na roça, em empreitadas, ganhando por dia. Ou trabalhavam “à seca”, isto é, sem comida, alugados nas usinas, cortando cana. As crianças, embora ajudassem a espalhar a cana, nada recebiam. Chegando as chuvas, voltavam todos para casa, regressando ao sítio abandonado.

Mesmo assim, trabalhando parte do ano para fora, a terra era pouca para a família numerosa. “A vida era difícil... e não dava para todos viverem juntos.” Assim, à medida que iam se casando, as filhas do proprietário abandonavam o sítio. Vinham descendo, rumo ao Sul, algumas ficando em Alagoas, outras na Bahia e em Minas Gerais. “Seguiam o roteiro do marido”, cuja profissão — de todos eles — era “o cabo da enxada”. Todos pobres, todos moradores em fazenda.

Dêsse modo, também Tantão, casando, saiu das terras do avô.

* * *

É importante notar, em primeiro lugar, que a existência de uma agricultura comercial como a da cana, que se mantém em nível técnico tão precário, só é possível pela sua associação com a economia de subsistência. A descrição dos engenhos da região difere muito pouco da que encontramos na literatura setecentista (14). A sobrevivência de técnicas tão atrasadas só é possível num mercado regional relativamente isolado. E a manutenção dos custos em nível razoavelmente baixo só se realiza pela utilização de uma mão-de-obra muito barata. É portanto o nível de vida extremamente baixo da população e sua parcial auto-suficiência na produção de viveres que lhe permite sobreviver e participar de um sistema econômico que não pode pagar ao trabalhador sequer o suficiente para a sua manutenção e a de sua família durante o ano. A própria existência das grandes fazendas nesse sistema depende, pois, da manutenção de uma classe de pequenos sitiantes ou foreiros, que constitui a mão-de-obra de reserva a ser empregada na lavoura comercial.

Em segundo lugar, é necessário apontar o processo de fragmentação das famílias. Ao contrário do que em geral se pensa, não é possível encontrar, nesse segmento da população rural, a extensa família patriarcal que, comumente, é considerada típica da sociedade brasileira tradicional, mas, isto sim, a família conjugal, composta apenas de marido, mulher e filhos. A tendência à segmentação da família corresponde, de um lado, à fragmentação da propriedade pela sua divisão entre herdeiros e, de outro, à dispersão dos filhos, que se incorporam à população de trabalhadores sem terra ou migram para as cidades.

(14) Veja-se A. J. Antonil: *Cultura e Opulência do Brasil* (1.^a parte, «Cultura e Opulência do Brasil na Lavra do Açúcar...», Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1923, pp. 61-181.)

O constante desequilíbrio entre produção e necessidades e o processo de fragmentação recorrente das unidades domésticas, estabelecem uma comunicação constante entre proprietários, parceiros, arrendatários e assalariados. Tais categorias não correspondem tanto a segmentos diversos da população, quanto a momentos diferentes de uma mesma atividade — a procura da subsistência através da agricultura. Na mesma família, as pessoas ocupam sucessiva ou simultaneamente essas diferentes posições. Mas, premido por um crescimento demográfico que se processa sem que se alterem quer os recursos naturais, quer o sistema de propriedade ou a técnica, todo o processo tende a uma pauperização progressiva do camponês, com sua passagem, quase que inexorável, para a categoria de trabalhador sem terra. É isso, como veremos, que sucede com Tantão.

...

II) A VIDA NO NORDESTE: O Caminho da Migração

1. O Homem e o Universo dos Fazendeiros.

Foi com a idade de 17 anos que Tantão, numa festa em Triunfo, conheceu a môça com quem viria a se casar. Era ela filha de pequenos sítiantes que residiam na região e que tinham ido a Triunfo apreciar as festividades. Tantão conseguiu livrar a môça de um acidente no carrossel e logo já conhecia todos os seus irmãos. No mesmo dia foi convidado pelo mais velho deles a acompanhá-los na viagem de regresso ao sítio, que se realizaria na manhã seguinte. Tantão aceitou o convite, permanecendo durante um dia na casa dos novos conhecidos, onde ele e a môça — “mesmo quase não se olhando” — ouviram os gracejos dos jovens que, em grupo, passearam por todo o sítio. Dois dias depois, voltava ele da roça, quando notou, pelo cavalo amarrado à porta, que havia visita em casa. Era o pai da môça que, na sala, conversava com o “pai velho”. Tantão não se avistou com ele. Permaneceu na cozinha, calado, junto de sua avó, sendo chamado pelo avô assim que o visitante saiu:

— “Você pode se casar?”, perguntou o avô.

— “O senhor é quem sabe...”

— “Moleque que nem largou a catinga do mijo e já quer casar! Como é que há de ser? Vai é deixar a mulher morrer de fome e ficar no meu espínhaço...”

— “Isso não! Vou trabalhar o que dê pra mim e a mulher.”

— “... homem que quer casar primeiro tem que fazer casa e pôr uma roça. É só depois do milho colhido, com a casa cheia de legumes, que então pode casar... Quem não pode com o pote não pega na rodilha!”

Já não havia mais o que falar. Com o consentimento do avô, Tantão foi construir sua casa em Poço Grande, no terreno de Zé de Rosa, retirando o dinheiro que possuía com Pedro Pires a fim de comprar as telhas. Tinha 17 anos. Assim que acabou de construir sozinho sua casa de talpa, ele se casou. Houve festa a noite toda na casa da noiva. Festa com viola, rabeca, bumbo e pifeiros. A segunda festa foi em casa do avô e, 8 dias depois, Tantão recebeu a môça que ele havia visto sete vezes antes de se casar: “a gente não se conversou muito não.” (15)

Quando Tantão estava para se casar o sogro quis lhe ceder um pedacinho

(15) Combinado o casamento, o noivo, podendo, dá início à construção de sua casa ou, então, vai procurar um sítio qualquer onde possa ficar como morador, nele arrumando seu barraco. A primeira festa é na casa do pai da noiva, prolongando-se, no dia seguinte, na casa da família do noivo. Terminada esta festa a noiva retorna à casa de seus pais, daí saindo apenas quando seu pai for avisado pelo pai do noivo que a casa dêste já está pronta. Isto, se o rapaz estiver construindo sua moradia, mas, de qualquer modo, terminada as festividades do casamento, a môça sempre retorna à casa do pai, que vem entregá-la ao marido somente no dia seguinte.

de terra em seu sítio de 12 quadras (16), onde ele botaria roça e construiria sua casa, além de dispor da renda de sua própria lavoura. Mas Tantão não aceitou "mode ronha": "Quando tá longe vai visitar de mês em mês e é um alegria. Quando tá perto é ronha na certa." Tantão também evitou construir sua casa no terreno do avô porque, continuando com ele, teria que ajudá-lo muito no trabalho de roça e "não poderia ajudar as duas famílias". Por outro lado, sua mulher poderia se desentender com a avó e as tias pois, ao lado delas, teria que pilar o milho e o arroz, desempenhando, enfim, atividades comuns... e "mulher junto é o diabo!"

Instalou-se, pois, no terreno de Zé de Rosa que, possuindo mais de 100 quadras de terra, cedeu 1 1/2 quadra a Tantão, a fim de que ele construísse sua casa e tocasse sua lavoura. "No Norte pode-se construir casa em terreno de outro, com o trato de ajudá-lo em muitos serviços, como na remonta da cerca: acertar o nível da cerca, colocando nova camada de ramo de marmeleiro." A casa é construída com a madeira e o barro desse terreno. O morador só compra as telhas e, se um dia se mudar, o dono da terra lhe paga o valor das telhas, pois a casa não pode ser derrubada.

Em seu novo chão, Tantão logo começou a plantar milho, melancia, jerimum, feijão, algodão, mandioca e palma, — produtos que todo sábado, na época do inverno, durante a safra, eram colocados nos caçuás e levados em espinhaço de burro para a feira. Desenvolvia também a "criação de terreiro" que sua mulher trouxera com o casamento: cerca de 10 cabeças de bode e "uma criaçãozinha de galinha". Ajudava Zé de Rosa nos serviços que a propriedade exigia, continuando a colaborar com seu avô, sobretudo em batalhas; vendia nas feiras alguns produtos de sua lavoura e ainda trabalhava de ganho em serviço de moagem e farinhada.

Mas as coisas não iam bem em Poço Grande... Depois de quase 5 anos com Zé de Rosa, Tantão se transferiu para Afogados da Ingazeira, indo viver como morador noutro sítio. Havia pouco ganho em Poço Grande e Tantão foi falar com Zezé do Salu, sobrinho de Salu Seixas — fazendeiro e comerciante em Afogados da Ingazeira. Entraram em acôrdo e, logo, Tantão mais sua mãe (17), a mulher e 2 meninas "de cobrir com balaio" foram para a propriedade de Salu Seixas.

O acôrdo com Salu foi feito nas seguintes bases: Tantão e sua mulher tomariam conta de um sítio que possuía 5 quadras de roça cultivada, embora de pasto para o gado a propriedade possuísse muito mais. Havia, nessa ocasião, apenas mandioca, palma e algodão, vindo Tantão a plantar milho, feijão, jerimum e melancia. Isto foi feito com a ajuda do proprietário, que lhe forneceu um saco de cada um dos gêneros plantados, pagáveis após a colheita. Exceto mandioca e palma, cuja produção era toda do proprietário, e o algodão, à base de 2 arrôbas para o proprietário e 1 arrôba para o plantador, os demais produtos eram de Tantão, além de 2 vacas leiteiras emprestadas por Salu. Este, sendo fazendeiro

(16) Fora o sítio de 12 quadras, o sogro de Tantão ainda possuía 2 tarefas («tarefa é uma base de 3 quadras») nas areias do Caroá para cultivar mandioca: «Quase todo mundo tem terra nas areias do Caroá, gente de 15 a 20 léguas.» E um dos melhores trechos para mandioca pois «mandioca não gosta de tabuleiro, gosta mais de terreno areosos». Cada um tem seu rancho de palha onde passa de 1 a 2 semanas para limpar mato, plantar ou arrancar mandioca, farinhando em bolandeira ali de perto e trazendo a farinha em espinhaço de jumento («durante o ano todo uma bolandeira serve para 40 ou 50 pessoas farinhar»).

(17) Depois que Tantão se casou sua mãe fôra morar com ele. O amásio, João Dantas Filho, e 3 de seus 9 filhos foram mortos em represália pelo assassinato de João Pessoa. Iniciada a perseguição (que abrangeu as propriedades e os descendentes de João Dantas Filho com cada uma de suas amásias espalhadas pelos sítios de S. José dos Cordeiros, Camalaú, Cochicholo, Sucuri, Santana do Congo — «os melhores, com grandes plantações de algodão» — e também o de Jerimum — «sítiozinho besta» — onde estava sua mãe), os irmãos de Tantão dispersaram-se, «debelando no mundo». Sua mãe ficou sem nada — «nem água de sal» — e coube a Tantão olhar por ela.

e também comerciante, ajudava Tantão "na feira" e quando, toda semana, ia ver suas terras, sempre levava uma barra de sabão, 2/3 de rapadura, 1 quilo de café em caroço, sal para o gado e para o gasto e, cada 15 dias, uma ossada (carne de gado salgada). Salu Selxas também afiançou Tantão na loja de Minéo Jacob a fim de que lá ele pudesse comprar o que quizesse (tecido, calçado etc.), saldando na ocasião em que sua parte da safra de algodão era adquirida pelo próprio Salu. Dêsse modo, as mercadorias que Tantão mais frequentemente adquiria eram arroz ("pra despesa das meninas") e farinha.

* * *

Já havíamos mostrado inicialmente como existe uma relação de dependência entre os pequenos sitiantes e os grandes fazendeiros. A dominância do grande proprietário ou comerciante se exerce, nesse caso, através do controle do financiamento e da comercialização da produção. A relação econômica que se estabelece entre uns e outros, na qual os sitiantes fornecem forragem para o gado, mantimentos para a população e mão-de-obra para as fazendas, traduz-se socialmente em sujeição dos pequenos aos grandes produtores. Essa dependência se manifesta de modo muito mais claro no caso dos lavradores sem terra, como é o caso de Tantão após o seu casamento.

Note-se que nesse universo personalista não se obtém a terra através de um contrato, mas estabelecendo uma relação pessoal. É através da "boa-vontade" dos poderosos que se obtém a terra para cultivar. O proprietário então "cede" a terra que não utiliza e cria uma relação pessoal com o trabalhador, que passa a ser seu "dependente".

As formas mais tradicionais de relação de trabalho, que se tornaram comuns no Nordeste após a libertação dos escravos, mesmo na zona da Mata, estão exemplificadas nessa área sertaneja. A relação que Tantão mantém com o patrão na primeira propriedade, corresponde a uma forma de "cambão". No cambão, o lavrador "paga" o aluguel da terra com dias de trabalho (nesses casos, na remonta de cerca). Do ponto-de-vista econômico o patrão cede uma porção mínima do terreno que, nas grandes propriedades, é insignificante em relação ao total e obtém, por assim dizer, trabalho gratuito. Do ponto-de-vista social o patrão adquire prestígio, estabelecendo dependentes que mantêm com ele relações de natureza pessoal. Tradicionalmente essa relação se manifesta com obrigações recíprocas: o patrão deve ao morador "proteção", que o dependente deve retribuir com "lealdade pessoal". Essa lealdade se manifesta principalmente através do voto e de auxílio nas lutas políticas, incluindo frequentemente a violência contra facções rivais.

"No Norte", declara Tantão, "quem é rico não pega cadeia e quem não é rico, quando o patrão é bom, fica protegido. Assim, "num bilhetezinho qualquer, em qualquer papelzinho, o patrão manda dizer ao juiz, ao delegado ou ao promotor: o rapaz é meu, quero ele em casa." Pois não conhece Tantão exemplos como o do dr. Odílio do Pau-Ferro? Sua fazenda na divisa com Pernambuco e Alagoas "é registrada" e a polícia não tira preso lá de dentro sem a autorização dele. E a mesma coisa acontece com Chico Nitão, na Paraíba, — em Misericórdia —, e também nas fazendas do "padrinho" Chico Eraque (Cel. Francisco Heráclio do Rêgo), pai do deputado Eraquílho, no Limoeiro do Norte. Fazendeiro por todos chamado de padrinho "em sinal de respeito" e que só caiu no governo de Agamenon Magalhães (sic): a polícia invadiu a cidade de Limoeiro — "que era toda dele" — e o barulho foi tão grande que "houve gente chamando por santo, sem nunca ter sido morador de Nosso Senhor". São, todos eles, homens poderosos. E são poderosos "por causa do dinheiro muito: dinheiro de algodão, gado e rapadura." Homens com muitos moradores em suas fazendas, "uns trabalhando, outros nem isso." Mas sempre com serventia, porque "numa hora de confusão é só botar os moradores pra enfrentar." Moradores vivendo "que nem Deus criou a batata: plantou, deixou pra lá. Com mató ou sem mató dá." E isto sem falar do grande número de capangas utilizados "pra matar outras pessoas". E isso é

coisa que "já vem de longe... por causa de intriga, disputa de um fazendeiro com outro, que se vinga por meio do capanga." Mas todos esses fazendeiros são "gente boa". Nenhum acolta ladrão, pois "no Norte não se gosta de ladrão." Já o "criminoso pode chegar e ficar. Está coberto, tem amparo". O ladrão "mandam matar", mas "criminoso não rouba, mata pra se defender!" (Confessa Tantão que, hoje em dia, esses fazendeiros ainda "têm força política, só que não ajuntam capangas como outrora.")

Quando as terras são abundantes e a população é rala, quando as grandes propriedades mantêm relações muito precárias com o mercado nacional — pela dificuldade de transporte e inexistência de produtos comerciais — essa relação não é necessariamente espoliativa do ponto-de-vista econômico. Nessas condições, a terra tem pouco ou nenhum valor econômico, quase toda a atividade gira em torno da subsistência e o mesmo nível precário de vida une proprietários e dependentes, que se distinguem antes em termos de prestígio que em termos de riqueza. Não é essa, entretanto, a situação nas áreas úmidas do Nordeste. O adensamento da população, a formação concomitante de um mercado regional, embora restrito, e a possibilidade de explorar comercialmente produtos como o algodão, o gado, a cana e mesmo o café (18), valorizam economicamente a terra. Nesse caso, seu uso se torna cada vez mais caro, e a dependência social dos trabalhadores sem terra se transforma cada vez mais em espoliação econômica. Veja-se a situação de Tantão na segunda propriedade, aquela de Salu Seixas.

Note-se que nessa propriedade o patrão reserva para si praticamente todos os produtos de algum valor comercial. Pertencem-lhe 2/3 do algodão, toda a colheita de palma (empregada para alimentar o gado) e mesmo toda a mandioca, apesar desta constituir um produto fundamental de subsistência (e, justamente por isto, com valor comercial). O patrão tem ainda direito à "palha da roça" onde, após a colheita, resta o rebanho de gado. Mesmo a parte do algodão (1/3) que Tantão recebe é comercializada pelo patrão. Em compensação, provavelmente, pela mandioca que Tantão deve entregar ao patrão, este lhe fornece um pedaço de sabão, sal, um pedaço de rapadura, café em caroço e, cada quinzena, uma ossada. Tantão utiliza também o leite de 2 vacas (quando produzem). De seu, Tantão apenas pode produzir uma roça de milho, feijão, melancia e jerimum, mesmo assim financiada e comercializada pelo patrão (que fornece a semente para ser paga na colheita e "ajuda" Tantão "na feira"). Dêsse modo, com 1/3 do produto da colheita do algodão, além do pouco que possa sobrar do feijão, milho ou melancia, Tantão tem que satisfazer todas as outras necessidades. É verdade que a mulher o ajuda com a "criação de quintal". Mas, nesse regime, a única possibilidade de equilibrar o orçamento doméstico é trabalhar parte do ano nos engenhos e bolandeiras da região. E o patrão, à custa de um pouco de sabão, rapadura e carne salgada, obtém mandioca e algodão para o mercado, palma e "palha" da roça para o gado na estação seca.

"Tem muita terra perdida no Norte, mas a maior dificuldade é arranjar terra para trabalhar." O fazendeiro só quer homem de aluguel. Homem que na época da seca vá brocar, queimar o mandacaru que se dá pro gado; limpar o mato e plantar o milho no inverno. Nunca homem que cultive a lavoura. A meação é só para quem é apadrinhado. "Cadê dinheiro pra comprar planta, para ajudar na limpa e na despesa de casa?" E o dinheiro "jamais alguém dá adiantado, porque nunca se sabe se o ano será bom de inverno." Bem que o Norte é coberto de terras. Mas são "léguas e léguas só de um fazendeiro. O morador, mesmo, só faz um "chiqueirinho" que dê pra comer." Mesmo assim, terminada a "panha" do algodão e retirados os legumes da roça, o fazendeiro solta o gado ou, no caso de ser vendida a palma, solta burros e cavalos, que não comem palma.

(18) "Como nos brejos agrestinos, também no Sertão a partir de 1840, começou a desenvolver-se a cultura do café (...) Serras como a de Ibiapaba, de Meruoca, de Baturité, da Baixa Verde e o próprio Cariri cearense, tornaram-se por vários anos grandes produtoras". (Manuel Correia de Andrade, op. cit., p. 189).

"Ai perdeu-se a roça e, então, só no nôvo inverno... quando êle vier". A pessoa que vivia da roça tem que comer o que lucrou ou tratar de outros negócios. A vantagem para o fazendeiro é que êle cede o terreno mas não tem o trabalho de limpar, seja a palma ou o algodão. É o trabalhador quem cuida do produto, além de ter que limpar o mato, pois o mato "assombra o pé de milho, afina a canela e mata o milho."

O inverno tem início em janeiro e vai até maio. No sereno (fim do inverno) começa a "panha" do algodão que prossegue até setembro, época em que se solta o gado por toda a fazenda. O lavrador fica sem roça, mas a época coincide com a moagem, que é intensa na região do Alto Pajeú. Assim, alguns vão trabalhar nos engenhos, enquanto outros, se têm dinheiro, vão se aguentando até o próximo inverno, caso tenham guardado legumes para ir comendo e também algum dinheirinho proveniente da venda desses legumes. Aquêles que não podem contar com nada disso, "têm que se refrigerar noutros lugares onde ainda haja inverno ou apelar para o bispo para trabalhar em alguma estrada, pois, caso contrário, fica penando, passando necessidade."

* * *

Por isso é que, desanimado dessa vida, Tantão finalmente resolve mudar-se para a cidade mais próxima, onde será, sucessivamente, descarregador, ajudante e motorista de caminhão. É o início do caminho que acabará por trazê-lo ao Sul, como mais um imigrante nordestino. E, de fato, em 1960, deixando mulher e filhos ("até achar um cantinho pra se equilibrar"), Tantão partiu em busca do "país de São Paulo..."

